



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Mala — Telef. 22336
Composto e Impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXV — N.º 413
13 de FEVEREIRO de 1957

Avença

Auxílio dos Cristãos

COMOVEU Portugal inteiro a dura peregrinação de universitários, de Lisboa à Cova da Iria, aos quais se agregaram muitos outros jovens. Pela Hungria mártir, realizou-se agora jornada idêntica àquela que, há dois anos, se fez por Goa gloriosa. Durante três dias, os caminheiros da Senhora rezaram com o coração, com os lábios, e mais ainda com os sacrifícios rudes das caminhadas, que deixaram os pés em sangue e a alma em alegria. Como nos mistérios do Rosário, os peregrinos passaram por fases dolorosas, gozosas e gloriosas. Sofreram as fadigas dos caminhos sem fim, percorridos a cantar e a chorar; sentiram as santas alegrias que sempre sucedem aos actos generosos que se realizam na dor; viveram, e continuarão a viver, a glória de participarem na tragédia dum grande povo e de, por modo misterioso, concorrerem para a sua redenção.

Mesmo os que confessam a sua incapacidade para realizar actos desta natureza, não podem deixar de reconhecer a sua beleza espiritual.

À Fátima se dirigiram os peregrinos, na Fátima rezaram fervorosamente por todos os povos que brutalmente esmaga a opressão do comunismo, e especialmente pela nobre Nação Magiar, torturada e triturada por tirania que arrepia todos os povos livres, que inexoravelmente a condenam, mas que não sabem ou não podem suprimir.

Nestas horas dramáticas, quando tudo no mundo é cerração, resta sempre o remédio de se recorrer a Deus. Por isso foram à Fátima centenas de jovens generosos. À Senhora de todos os socorros foram pedir auxílio.

Sempre os homens sentiram a necessidade de rezar, que a oração é tão necessária à alma, como é ao corpo o ar que se respira. Impõe-se, por lei da própria natureza humana, a oração de louvor e de reconhecimento; mas a oração que mais se sente, aquela que mais ardentemente brota do coração, é a oração de súplica. São pobres irmãos que se arrastam nas trevas e podem cair no desespero, aqueles que não sabem rezar. Mas serão muitos os que, em horas de agonia, ou de tragédia, não sentem um movimento de alma a pedir a luz, a paz, a alegria de que tem necessidade a alma confundida e torturada? Quando se apagam os fogos-fátuos das vaidades, quando o orgulho reconhece a sua impotência, quando desertam os amigos e as esperanças humanas se desvanecem, quando a eternidade se aproxima e surge na consciência a sombra do mistério, quantos os homens de bom senso que repelem friamente a mão misericordiosa, mão de Pai ou mão de Mãe, mão de Deus ou mão da Senhora, que se lhes estende comovidamente?

E não basta habitualmente esta oração de intimidade, mas a própria natureza exige a oração pública, nos lugares sagrados que são os santuários. Ninguém, como Jesus, rezou ao Pai em espírito e em verdade; mas também Jesus se conformou com a regra de todos os judeus do seu tempo, indo rezar ao Templo e à Sinagoga.

É que, por um lado, a fé é difusiva em seus aspectos sociais. A atitude de piedade do nosso irmão desperta em nossas almas sentimentos de respeito e de veneração. O justo que se aproxima da nossa indigência, partilha conosco a sua riqueza por meios sobrenaturais da misteriosa comunicação dos Santos, mas também pela irradiação natural da sua própria pessoa.

Por outro lado, Deus atribui graças particulares a certos locais e a ritos determinados. De cada templo se pode dizer a palavra inspirada de Jacob: é casa de Deus e porta do céu.

Na Fátima apareceu Nossa Senhora, pelo que, sejam quais forem os juízos dos homens, será sempre lugar de peregrinações, como altar de Portugal e do mundo.

Ir à Fátima, como peregrinos, é fazer profissão de fé: em Deus, em Jesus Cristo, na Santíssima Virgem. Pelo que à Senhora se refere, significa a certeza de que Ela é rica de todos os dons — aquela onipotência suplicante, de que falam os teólogos — por ser Mãe de Deus, e, sejam quais forem os desvarios, desmandos e loucuras da nossa vida, é sempre prodigiosamente compreensiva e generosa, por ser Mãe de todos nós.

Por isso foram à Fátima, nesta hora ensanguentada do mundo, aqueles jovens magníficos. Por isso A invocamos nós, em todas as horas magoadas, com amor e confiança, como nossa Luz e nosso Auxílio.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

A ORAÇÃO ENSINADA POR NOSSA SENHORA

Numa revista dos Padres Dominicanos que se publica no Peru, lemos que o Rev.º Procurador Geral da mesma Ordem perguntou à Santa Sé se, pelo facto de intercalar a «oração de Fátima» entre os mistérios do Terço, se perdiam as indulgências deste. Eis a cópia do documento, e a resposta que lhe foi dada pela Sagrada Penitenciaria Apostólica.

Beatíssimo Padre

O Procurador Geral da Ordem dos Pregadores, prostrado aos pés de Vossa Santidade, humildemente per-

gunta se pode intercalar-se depois de cada uma das décadas do Santo Rosário a chamada «Oração de Fátima», sem prejuízo das indulgências; e se a resposta for afirmativa, se isso pode também fazer-se quando o Santo Rosário se reza em público.

Dia 4 de Fevereiro de 1956.

A Sagrada Penitenciaria Apostólica, em virtude das faculdades que lhe foram conferidas pelo Nosso Santíssimo Padre, responde às dúvidas propostas: Afirmitivamente, a uma e à outra.

S. Rossi, Secretário



O Dr. Luís Fischer, numa das suas visitas ao Senhor Bispo de Leiria, quando ainda o culto de Nossa Senhora da Fátima estava no início da sua projecção mundial.

Peçamos a Deus pelo eterno prémio e descanso do primeiro, e pela saúde e longa vida do Venerando Prelado de quem celebrámos há pouco o 85.º aniversário.

FALECEU O DR. LUÍS FISCHER

No seu livro «Fátima das Portugiesische Lourdes», aparecido em Baden, na Alemanha, em 1930 — logo traduzido para a nossa língua, no sensacional volume «Fátima, Lourdes Portuguesas» — o ilustre Dr. Luís Fischer, catedrático da Universidade de Bamberg, na Baviera, conta a história do seu primeiro contacto com Fátima — a formidável maravilha do século XX. Nas férias maiores de 1929 deliberou ele fazer o seu veraneio pela Península Ibérica. Interessava-lhe tomar contacto com os famosos centros universitários de aquém Pirineus, visitar as suas bibliotecas e ainda compulsar a cultura, o catolicismo e a vida social das duas nações ibéricas.

Ainda na Alemanha, o Rev. Dr. Fischer leu, por acaso, em certo periódico, uma crónica de Von Lama que passava de raspão sobre Fátima, ao tratar dos acontecimentos mais notáveis do mundo católico contemporâneo. Na verdade, em Maio desse ano, conforme a imprensa se fizera eco e o próprio «Osservatore Romano» noticiara, a peregrinação atingira foros de notabilíssimo acontecimento, juntando na Cova da Iria uma multidão de 300.000 peregrinos. O facto era na verdade sensacional. Ainda a Autoridade Eclesiástica competente não tinha promulgado oficialmente o seu veredictum e já o órgão officioso do Vaticano se referia «minuciosamente e entusiasticamente» ao caso da Fátima! E o teólogo, e o cientista, começara a pensar detidamente na faúlhzita que lhe levava o lume do milagre de Portugal. O Rev. Víctor Wurzer, assistente eclesiástico da colónia alemã em Portugal, e hoje ainda residente entre nós, forneceu ao seu compatriota os primeiros dados que o orientaram, porque naquele tempo Fátima era desconhecida no estrangeiro, como 12 anos antes era desconhecida em Portugal.

Tal como os magos das terras do Oriente, seguindo a estrela, foram a Belém ajoelhar diante do Redentor do Mundo, e de lá partiram apóstolos da boa nova, assim sucedeu com esse homem vindo de entre os teutões: Fátima terá operado uma polarização distinta no seu espírito. Conta ele mesmo no citado livro que no trajecto do Porto até à Fátima, nesse já longínquo 12 de Outubro de 1929, «sacerdotes e leigos, gente culta das cidades e pobre povo dos campos», que enchiam o combóio, manifestavam um júbilo especial, comunicativo, ao dizerem: «Vamos para Fátima!» E o Autor confessa: «Esta palavra mágica, dominou-me também a mim!»

O crítico observador, frio como os da raça nórdica, ia-se moldando na ténpera escaldante do entusiasmo luso. Não o impressionara por aí além o primeiro contacto com o panorama bulhoso da Fátima em vigília de grande peregrinação. Porém à noite «quando o vale escuro se converteu rapidamente num mar vivo de fogo» esse lume pegou-se-lhe na alma: — «O que aqui se vê é um espectáculo único, extraordinário, que não tem similar em parte alguma do mundo!» E no seu espírito são evocadas as luzes de Kevelaer, de Einsiedeln, de Altötting, de Lourdes mesmo... e nenhuma brilha como as desta «noite santa no meio dum mundo corrupto».

«Fátima é um Santuário único no seu género. Fátima só existe uma!» — pôde ele exclamar na manhã do dia 13. Já estava ganho para a grande causa de Nossa Senhora!

* * *

Teve força de erupção vulcânica o incêndio que Fátima ateou na alma do Rev. Dr. Fischer. O periódico «Schildwache» levou aos confins da Alemanha

a boa nova em artigos que depois constituíram os 12 capítulos de «Fátima, Lourdes Portuguesa». Espírito profundo, investigador consciencioso, escreve para Portugal cartas que se conservam em arquivos privilegiados, escritas ora em correctíssimo francês, ora em latim, pedindo a fontes autênticas documentação para a sua actividade ávida de propagar o mistério que na Fátima lhe luziu em plena luz sobrenatural.

Na Suíça, em Basileia, a editorial «Nazareth», onde se publicava a «Schildwache», quer propagar Fátima. Os pedidos de estampas, de medalhas, de imagens, de terços sucedem-se.

Na festa do Sagrado Coração de 1930 escreve o catedrático, de Bamberg, notificando o interesse que por lá lavrava pela grande causa: «Interessam-se por aqui muito por Fátima e pediram conferências (com projecções luminosas), para o outono e inverno, de Viena, de Praga, da Silésia, do Baixo Reno, etc.».

Para firmar uma actividade que se ramificava, foi criado um centro de propaganda em língua alemã — «Fátima Verlag» — em Basileia, na Suíça. «Bote von Fátima» (a «Voz da Fátima» alemã) começou logo a circular pelos lares católicos onde era entendida a língua germânica.

Os escritos do Dr. Fischer impunham por toda a parte o nome da Fátima. Em Março de 1930 vinha de Roma a comunicação de que determinado número de livros do Dr. Fischer eram ali, na cidade eterna, nos centros escolásticos e universitários de Roma, «outros tantos bons missionários que entravam em campo. Como era de esperar, o incêndio não tardou a manifestar-se». E a comunicação desce a casos concretos de «queimaduras» provocadas em altos espíritos por esse «incêndio».

Em 1934 surge nova publicação do Rev. Dr. Fischer: «Fátima im lichte der Kirchlichen Autorität» — «Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica» — para a qual o Autor se veio documentar numa segunda romagem à Fátima. Então o ambiente oferecia plena liberdade de movimentos ao teólogo interessado em compulsar os factos que a Igreja havia sancionado pela Carta Pastoral do venerando Prelado de Leiria, «A Divina Providência», de 13 de Outubro de 1930.

Tendo assistido à trasladação da urna da Vidente Jacinta Marto, de Vila Nova de Ourém para a Fátima, em Setembro de 1935, e tendo visto, após 15 anos de sepultura, aquele rosto reconhecível, intacta essa face que contemplou a visão da Imaculada, apaixonara-se mais o Dr. Luís Fischer por essa criança-gigante nos caminhos da santidade. Dela escreveu «Hyazintha — die Kleine von Fátima» — «Jacinta a florinha da Fátima» — que havia aparecido no ano anterior, prefaciado pelo Bispo de Mogúncia, D. Luís Hugo, em Abril desse ano. No n.º 143 da «Voz da Fátima» há referências a essa obra de 10 capítulos, escrita antes de Lúcia haver levantado com seus manuscritos o véu que envolvia os segredos íntimos e misteriosos das aparições da Fátima.

* * *

Foi no verão de 1954 que o Rev. Dr. Luís Fischer visitou pela última vez o Santuário da Fátima. Tinha-lo conhecido 20 anos antes, em pleno zenite do seu fulgor — lente para universitários, pensador entre intelectuais, teólogo junto dos mestres, sacerdote para as almas, apóstolo de actividades múltiplas na expansão do Reino de Maria.

O passar dos anos não teria sulcado tão fundamento o homem nestes 20 anos, se não permanecesse, através das idades com pleno sentido e total força, esta palavra que a Escritura nos relata em Tobias: — «Porque eras agradável a Deus, foi necessário que a tribulação te provasse».

A sua passagem pela Fátima nesta última romagem não se revestiu da retumbância das de outras eras — bem patentes na vasta documentação arquivada na «Voz da Fátima» — mas envolveu-o o silêncio. E todavia lá em Bamberg «Fátima-Verlag» não afrouxa no ritmo de difusora acérrima da divina Mensagem trazida da Mãe de Deus à Cova da Iria. «Bote von Fátima», como facho permanentemente aceso, con-

MUSEU-BIBLIOTECA

Depois de longa interrupção, eis-nos de novo a comunicar com os nossos leitores sobre uma instituição que todos ansiavam ver no Santuário e que só agora foi possível encarar para efectivação: o Museu-Biblioteca.

Todos sabem que a ideia não é nova. Que o diga o entusiasta Cónego José Galamba, que reputo, depois da veneranda reliquia que é o Cónego Formigão, o melhor conhecedor e propagandista de tudo o que diga respeito ao lugar bendito em que a Senhora Mãe de Deus pisou terra de Portugal.

Pois, muito bem. O Museu continua. Não morreu. Simplesmente, nada se faz sem tempo, que este não perdoa aquilo que se faz sem ele.

Sucessivas equipas (passe o francesismo) constituídas por Religiosas (Doroteias, Dominicanas, Servas de Nossa Senhora da Fátima, Religiosas de Nossa Senhora das Dores e Religiosas do Imaculado Coração de Maria), Seminaristas e Senhoras da Acção Católica Portuguesa, têm prosseguido incansavelmente o trabalho da sua organização. É a biblioteca, no entanto, a parte até agora mais cuidada, sendo já aos milhares os verbetes feitos de livros, publicações periódicas e artigos de revista, constituindo tudo, no seu conjunto, a mais rica documentação existente sobre os grandes acontecimentos da Fátima. Mas o arquivo não foi descuidado também. Tem-se intensificado a sua guarda, recolhendo-se todos os pormenores que possam vir a ter qualquer interesse documental ou estatístico.

Por hoje, como o espaço é pequeno, citemos apenas a parte do arquivo fotográfico que se encontra em pleno desenvolvimento. Estamos a recolher todos os clichés feitos. Destes fazemos uma cópia para ser arquivada, com um número, que será o indicador para a obtenção de quaisquer outras provas de que o Santuário precise ou que os fiéis, devotos de Nossa Senhora, pretendam adquirir.

É a única forma de podermos possuir um dia, no Santuário, um arquivo fotográfico, vivo e capaz.

Pois temos hoje muito gosto em indicar à gratidão nacional a atitude nobilíssima de um fotógrafo de Coimbra, o Senhor Marinho, que nos ofereceu, gratuitamente, todos os clichés antigos que tinha feito, assim como os futuros que vier a fazer por encomenda. É um exemplo nobilíssimo.

Eis a carta que ele nos escreveu:

20/11/956

Ex.º Senhor:

De acordo com a nossa conversa de 18 do corrente em Fátima, confirmamos que é com o maior gosto que oferecemos para o «Museu-Biblioteca de Fátima», em organização, as chapas de nossas reportagens que possam contribuir para valorização do mesmo.

Muito gratos ficamos, se desta forma pudermos retribuir um pouco da gentileza que sempre nos tem sido dispensada no Santuário, e rogamus a Nossa Senhora de Fátima a graça de continuarmos a merecer-Lhe a sua protecção.

Sempre ao V. inteiro dispor, etc..

Com esta oferta está o Santuário seguro de ter no futuro um arquivo actualizado de todos os grandes acontecimentos fatimistas. Não duvidamos de que Nossa Senhora há-de abençoar tão magnífica compreensão, tanta generosidade e um tão belo exemplo.

CRONISTA X.

CRÓNICA FINANCEIRA

É corrente ouvir dizer que o mundo moderno se materializa cada vez mais, querendo isto significar que os homens cada vez se apegam mais às comodidades da vida, às riquezas, a Mamona. E lá disse o Divino Mestre no Sermão da Montanha que ninguém pode servir a dois senhores. Há que escolher entre Cristo e Mamona! De modo que dizer que o mundo moderno se materializa cada vez mais, vale o mesmo que dizer que os homens se estão a afastar de Cristo. Será assim?

Mas quando se afirma que o mundo se materializa, ainda se quer dizer por vezes que os homens se tornam cada vez mais egoístas, mais apegados aos seus interesses e aos seus cómodos, e menos apegados ao seu próximo, mais indiferentes às dores alheias, menos caritativos para o seu semelhante. Será assim?

Não é preciso ser grande letrado para ter visto que em certos meios assim é, e até por vezes onde era de esperar que assim não fosse. Mas se considerarmos o mundo na sua totalidade, não é assim.

tinua a irradiar pela Germânia a luz da Fátima!

Inopinadamente chega a nós a notícia da morte do ilustre Professor. A comunicação fora feita oficialmente pela Universidade de Bamberg a S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria. Faleceu no Hospital daquela cidade alemã, na tarde do dia 3 de Janeiro, em consequência da paralisia do coração. Contava 66 anos.

O Rev. Dr. Luís Fischer recebeu já a recompensa reservada por Deus aos que bem O servem. Através dos tempos a sua obra permanecerá como padrão glorioso a atestar que a fidelidade a um chamamento da graça prende Deus, em diversos casos, uma rede vastíssima de outras graças de que depende a salvação de muitos.

MYRIAM

Há na Humanidade cada vez mais cristãos, e as preocupações pelo bem-estar geral, a guerra à miséria, à doença, à fome, nunca foram tão porfiadas como hoje. Tudo isto é cristianismo e do bom, embora por vezes se não diga ou se diga o contrário. Mas também se propagam ideias falsas e perversas que produzem os seus frutos de egoísmo, de crueldade, de luxo e devassidão. E estes frutos aparecem por vezes onde menos se espera, como joio da Parábola, por entre a seara. Mas a par destas excepções, quanto trigo, e do melhor, na messe cristã! E acima da messe, quantos gigantes da caridade, do amor do próximo!

Dizia o grande pensador que foi Gustavo Le Bon, que os povos se medem, não pela massa, mas pelos super-homens que produzem; não pela vulgaridade, mas pelas excepções agigantadas. Aplicando este aforismo ao nosso caso, quantos portentos de caridade e de amor do próximo não vemos nós surgir nas populações cristãs! Para não falar senão do nosso tempo, quantos não apareceram na Europa para acudir à nunca vista miséria em que a deixou a última guerra? Quantos não deixam tudo, tudo quanto o mundo ama e cobiça, para se entregarem a uma Ordem religiosa, a fim de servirem a Deus e ao próximo, até ao sacrifício da própria vida?

E quantos exemplos de abnegação e de caridade heróica, como esse que acaba de dar o missionário P.ª José Maria Felgueiras, que não hesitou em correr para um combóio já em marcha, onde viu uma angustiada criança na iminência de cair à linha? A criança salvou-a, mas ele, o heróico Padre, ficou de tal modo ferido, que não foi possível salvá-lo. E no meio dos seus horríveis sofrimentos, só uma ideia o preocupava — o menino, o menino que salvara, com o sacrifício total de si mesmo. Que eloquente protesto contra o materialismo dos nossos dias!

PACHECO DE AMORIM

13 de Janeiro de 1957

Primeira Peregrinação mensal de um Ano Jubilar da Fátima

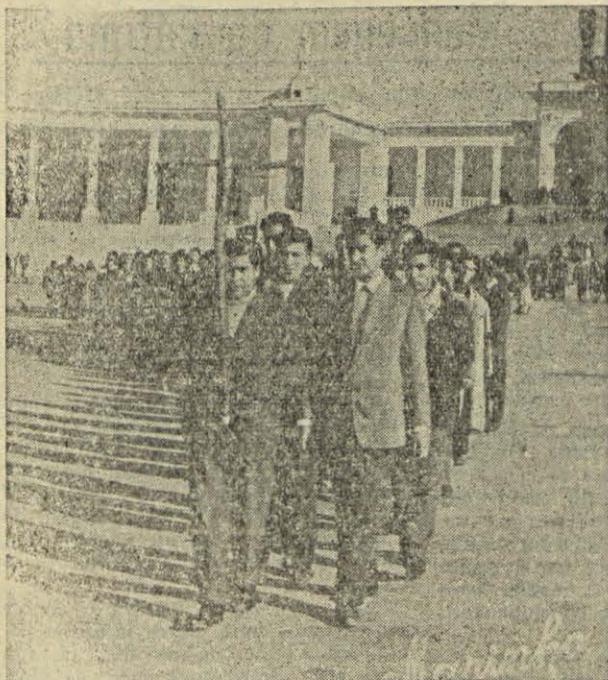
DESCIA majestosa pela esplanada a procissão dos romeiros do primeiro dia 13 deste ano em que, nas vésperas do centenário de Lourdes, o Mundo Católico celebrará o 40.º aniversário da revelação da Mensagem da Fátima aos Videntes de Aljustrel. Passava das 11 horas. Junto da Capela das Aparições, a multidão reunida havia rezado o terço sob os afagos dum sol acariciador. A imagem de Nossa Senhora, aos ombros de Servitas, chegara ao cimo da Praça imensa, seguindo o itinerário habitual. Fila dupla, interminável — cuja frente entrara na Basílica e o corpo serpava ainda cerca da Cruz Alta — mostrava que Fátima não é apenas centro de mulheres devotas, mas de homens convictos, cristãos desassombrados que sabem ostentar a sua crença sem respeitos humanos. Aqui, neste dia como sempre, homens de posição elevada, rezando e cantando louvores a Maria, ombream com humildes operários e camponeses. Eram eles que abriam o cortejo, e o seu número elevava-se a numerosas centenas. Logo a seguir enfileirava a população dos quatro grandes Seminários em plena actividade junto do Santuário — Diocesano, Consolata, Verbo Divino e Monfortinos. — Seguiu-se o grupo de jovens Religiosos Dominicanos do Instituto de Filosofia e Novíços do Convento da Fátima e imediatamente o clero, de sobrepele alva, rodeando o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria, que precedia imediatamente o andor de Nossa Senhora e a multidão que fechava o cortejo.

«Por muito que se repita o espectáculo magnífico, grandioso, de uma peregrinação à Fátima, é sempre para cada peregrino um acontecimento novo, mesmo que se não trate, como neste dia, de um começar de ano» — havia de dizer daí a momentos o pregador da homilia oficial.

As cerimónias realizaram-se no interior da Basílica, sendo o vasto templo assaz reduzido para a concorrência deste dia. Apertou-se o recinto reservado aos doentes, cujo número aproximado era de umas quatro dezenas.

Logo S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo Auxiliar se paramentou para celebrar a Santa Missa. Do coro a «Schola Cantorum» do Seminário Maior de Leiria alternou com o povo a Missa dos Anjos. Ao microfone, Mons. Dr. Marques dos Santos dirigiu as cerimónias e afervorava os peregrinos com a sua palavra cheia de unção piedosa. Lido o Santo Evangelho, fez a homilia o Rev. Padre Luís de Gusmão, Missionário do Verbo Divino, professor no Seminário da sua Congregação na Fátima. Afirma que se assistissemos dia a dia às cerimónias comoventes de uma peregrinação à Fátima, sempre teríamos de admirar um espectáculo novo, aquecido pelo sopro terno, maternal e vivificante da Mãe de Deus — sopro de graça que opera a conversão das almas.

Referindo-se ao drama litúrgico do dia: — «a perda e o encontro de Jesus» — episódio evangélico celebrado na Missa da Festa da Sagrada Família, disse que não caminham nós, os peregrinos da Fátima. Nossa Senhora acompanha os seus passos, conduzindo-os a Cristo. O encontro com Cristo nesta terra é um acontecimento que se deve prolongar numa renovação sucessiva até à eternidade, até ao dia do nosso encontro definitivo com Cristo no abraço sem fim. Toda a alma que procura a Cristo, encontra a Cristo! Ele permanece entre nós nas espécies eucarísticas; em nós, pela graça; pelo exercício da caridade revela-se-nos no próximo; na vida Ele surge conduzindo o destino dos povos. Buscando-O, somos peregrinos perpétuos de Deus. E diz-nos o nosso amor mariano que é com Maria, que é por Ela, que iniciamos e continuamos o jornadaear contínuo a caminho do Eterno. É em Maria e por Maria que a alma se decide



Pela Paz do Mundo

Romagem a pé de Estudantes Universitários desde Lisboa à Fátima

Na manhã do dia de Reis, a procissão do Adeus, que reconduziu a Imagem de Nossa Senhora da Basílica para a sua Capelinha, foi ainda uma procissão de oração e penitência

Chegando a «Voz da Fátima» aos confins do mundo nas suas edições em diversas línguas, deve ser ela o porta-voz do bellissimo espectáculo que a Juventude Universitária Portuguesa nos ofereceu com a sua romagem de penitência e oração. Serão cerca de 170 quilómetros a jornada desde Lisboa ao Santuário da Fátima — via Vila Franca, Alenquer, Rio Maior, Alcanena e metendo pelo novo ramal de Minde — que os nossos jovens estudantes transpuseram a pé durante quatro dias. Não se tratava de competição desportiva, entremeada de folgedos para divertimento de atletas. Ao lado de jovens musculosos caminhavam outros de físico débil mas com os olhos acesos no entusiasmo da fé. Na mesma andada incómoda seguiam raparigas de compleição franzina, cuja vida habitual se passa entre confortos de que voluntariamente se quiseram privar.

Não foi sem esforço heróico que numerosos entre essas centenas de jovens romeiros venceram aquela soma de léguas, alguns deixando no asfalto dos caminhos marcas de pés gotejando sangue. Quais comandadores de S. Tiago, apoiados ao bordão, a mochila às costas, de terço em punho, esse jornadear entre rezas e cânticos, e um humor alegre comunicativo, resultou uma aventura a marcar áureas manhãs de uma juventude em flor, prometedora de copiosos frutos.

Quando o grupo dos peregrinos rodeou, na vigília da Epifania, a Capela das Aparições — sob um céu

estrelado e um ambiente frígido, ardia uma fogueira entre os tocheiros, como símbolo crepitante de fé. Os chefes avançaram. O Rev. P.^o Gamboa, es-cuteiro entusiasta, ostentando a Cruz toska benzida pelo Senhor Cardeal Patriarca e que sempre os acompanhou, despida de qualquer gala, apenas impressa nela o símbolo espiritual do sacrifício, adiantou-se. E proferindo breves palavras, em que mais uma vez foram recordados os heróicos defensores da civilização cristã particularmente ameaçada para lá da cortina de ferro, a Cruz foi poisada junto ao pedestal das aparições — onde a Imagem veneranda da Rainha da Paz a todos envolvia com seu sorriso meigo, mas triste. O silêncio tornou-se absoluto por um tempo, até que a comoção ganhou muitos peitos e se ouviam soluços de comoção, escorrendo lágrimas pelas faces de homens que raramente terão chorado na sua vida.

O Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria, quis acompanhar os peregrinos a pé desde a distância de uns seis quilómetros até à Cova da Iria.

Se todas as cerimónias destes singulares peregrinos, que imploravam a paz para o mundo, foram comoventes — desde a velada eucarística até à Missa oficial da Epifania — este primeiro momento foi particularmente impressionante. S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar, voltando-se para o juvenil auditório — que ali eram todos jovens pelo espírito, mesmo os mais adiantados em idade — falou calorosamente:

«Não é sem comoção profunda que vos venho dar, diante de Nossa Senhora, as boas-vindas. Há uma hora que vos acompanho. Vi e senti as vossas lágrimas, as vossas dores, e também a vossa alegria. E vivi uma profunda consolação sempre que o porta-voz dizia no intervalo dos mistérios do Rosário: — *Senhora da Fátima, para Vós os nossos sofrimentos, as nossas dores, a nossa alegria!*

Pessoas delicadas a arrastarem-se pela estrada!

Viestes de tão longe para dar a Portugal e ao Mundo o exemplo da vossa fé e do vosso amor!...

Este lugar é santo. Ninguém deveria entrar aqui senão como vós entrastes: sofrendo! rezando! Que doravante não entre ninguém neste Santuário senão sofrendo! É terra santa onde se vem buscar a santidade!

Gritai pelos caminhos: — quem vier à Fátima que seja como peregrino penitente, arrependido, a pedir perdão para as culpas próprias! A graça da Fátima queima as nossas culpas, imolando as almas em sacrifício cruento, como acabastes de fazer!

As armas que os homens forjam podem deixar de pé os inimigos de Deus... Mas o que eu sei é que as armas que trazeis aqui — a vossa expiação e penitência, a vossa dor, o sangue que deixastes por esses caminhos além — hão-de vencer os inimigos de Deus e das almas — vencê-los erguendo-os para Deus! A Rússia há-de converter-se!...

Nós não vimos implorar a humilhação de ninguém, mas fazer um acto de contrição...

...Vou pedir à Senhora para, de facto, aceitar as armas que aqui trouxestes — dor, sofrimento, alegria no cumprimento da mensagem divina que Ela nos veio trazer. Que Ela aceite essas armas, e as aceite para vencer, convertendo os seus inimigos».

No final da sua alocução, o Senhor D. João Pereira Venâncio convidou os peregrinos a cantar «com alma e força» o canto de triunfo à real Soberana do Céu e da Terra. E essas centenas de jovens — almas viris em corpos alquebrados pela fadiga — cantaram com vibração a «*Salve Regina*».

Na Missa da manhã o Rev. P.^o Ferreira da Silva falou aos peregrinos. A expressão de todos, depois desta jornada — que foi rajada sobrenatural a atirar para o alto os espíritos destes que são hoje universitários e amanhã serão chefes, talvez colunas a sustentar o peso da Nação — era de radiosa ventura. Pairavam nos lábios de alguns e no coração de todos estas palavras: **ALGUMA COISA VAI SER DIFERENTE NA VIDA DE CADA UM.**

Visconde de Montelo

Sua Santidade concedeu a Bênção aos Peregrinos

O Senhor Nuncio Apostólico recebeu no dia 21 de Janeiro a Comissão da Peregrinação Universitária à Fátima, para lhe transmitir a Bênção enviada pelo Santo Padre a todos os peregrinos. Depois de se congratular com o prémio gratíssimo que iam receber, leu uma carta da Secretaria de Estado de Sua Santidade, em que se diz:

Vaticano, 16 de Janeiro de 1957.

Excelência Reverendíssima.

Tenho o prazer de acusar a Vossa Excelência a recepção do prezado Relatório n.º 7204/476/57, com a data de 8 do corrente mês, e dos apensos relativos a ele, sobre a peregrinação a pé ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima realizada pela Juventude Católica Universitária de Lisboa.

O Santo Padre, depois de tomar conhecimento das informações a Ele cuidadosamente fornecidas, exprimiu o

seu augusto agrado e deu-me o venerando encargo de pedir a Vossa Excelência que se torne o intérprete da sua satisfação e que participe a esse grupo de jovens universitários a sua particular Bênção Apostólica.

Vossa Excelência poderá ver nos próximos dias publicada em «L'Observatore Romano» uma ampla resenha das informações referidas sobre o acontecimento, tão significativo e edificante dadas as circunstâncias do momento presente.

Grato pela cortês comunicação, aproveito, de bom grado, a oportunidade para beijar o S. Anel e confirmar-me no que se refere ao distinto obséquio de Vossa Ex.^a Rev.^{ma} devotíssimo Servidor.

a) Angelo Dell'Aqua, substituto

Mons. Fernando Cento deu, então, a Bênção Apostólica em nome do Santo Padre.

nas alternativas enganadoras da existência. É Ela que nos leva a Cristo. Encontrado Cristo por Maria, nada mais grato que vivê-Lo com Maria — trazendo para a nossa vida Cristo, como Maria O levou para Nazaré depois de O haver encontrado no templo: amar a Cristo como Maria O amou, vivê-LO como Maria O vive! — concluiu o Missionário, sintetizando na sua homilia a realização da Mensagem da Fátima no íntimo da cada alma — por Maria, a Jesus.

O Senhor Bispo Auxiliar deu, terminada a Santa Missa, a Bênção eucarística individual aos doentinhos. A umbrela pegava o Rev. P.^o António Augusto Valente Diogo, Pároco da Gafanha da Encarnação (Aveiro), que há 3 anos, sempre em 13 de Janeiro, vem com os marítimos da sua paróquia e suas famílias em peregrinação ao Santuário, formando neste mês uma peregrinação de 462 pessoas. Em todas as cerimónias oficiais se viam os valentes homens do mar com a sua «roupa oleada» — vestes impermeáveis, dum amarelo torrado — e suas botas bacalhoeiras. Haviam chegado na véspera, ao cair da noite. Fizeram a sua procissão de velas desde a Capelinha até à Basílica, onde tiveram uma hora de adoração eucarística privativa, estando Nosso Senhor Sacramentado solenemente exposto. Diziam com uma entoação de regozijo e esperança, esses bravos marítimos:

— *Vimos pedir a protecção de Nossa Senhora e Ela sempre nos vale. Cada ano vemos regressar todos os nossos sem sofrermos naufrágios nem desastres!* — E um deles informa que, lá nos bancos da Groenlândia, não descansam enquanto não cumprem o grato dever de navegar até S. João da Terra Nova, a fim de visitar,

na Catedral, Nossa Senhora da Fátima levada pela nossa frota para ali, onde está entronizada e rodeada, como em toda a parte, de especial devoção. Essa imagem foi benzida solenemente na Fátima, com luzido acompanhamento, em 13 de Março de 1955.

Antes da procissão do «Adeus» desta primeira peregrinação do ano, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria dirigiu-se à multidão e pediu que o acompanhasse na recitação de 3 Ave-Marias por Sua Santidade Pio XII «para que Nossa Senhora Lhe alcance a soma de graças necessárias para nos guiar ao reino da eterna glória». Em seguida comunicou aos peregrinos que S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, «escolhido por Nossa Senhora para dirigir a difusão da sua Mensagem através do mundo», celebraria em 15 de Janeiro o seu 85.º aniversário. Por intenção de S. Ex.^a Rev.^{ma} foram rezadas outras 3 Ave-Marias. Finalmente o Senhor Bispo Auxiliar comunicou que em Bamberg, na Alemanha, onde era professor da Universidade, falecera há poucos dias o grande apóstolo de Nossa Senhora da Fátima em terras germânicas, Dr. Luís Fischer. Na manhã deste dia 13 o Rev.^{mo} Reitor do Santuário celebrara a Santa Missa na Basílica, às 8 horas, por sua alma.

Os últimos ecos do cantar dos peregrinos tinham-se calado. Em volta da Capelinha havia penitentes a cumprir penosas promessas, conseguindo a custo abrir caminho, de joelhos, entre a multidão, ali compacta àquela hora. Parecia que nenhum peregrino tinha desejo de partir. Não se notou a preocupação de correrem, após as cerimónias, para onde habitualmente estacionam os eventuais meios de transporte. De joelhos, no asfalto es-

Mensagem de Amor

8. As grandes Palavras de Ordem (2)

A contrição chama-se *perfeita*, por causa do *motivo* que a inspira. Enquanto a contrição *imperfeita* é uma pena, uma dor que se sente por ter ofendido a Deus e por causa do castigo que se mereceu, a contrição *perfeita* é também uma pena, uma dor de ter ofendido a Deus, mas por *Ele ser infinitamente bom, infinitamente digno de ser amado, e por o pecado O ter desgostado.*

Pena de ter ofendido a Deus!

Pena muito grande, sem dúvida, porque sendo o pecado, como vimos, o maior de todos os males, devemos detestá-lo acima de todos os outros males. Não, necessariamente, por uma forma sensível, com lágrimas e soluços. A nossa pena deve vir do fundo do coração, da vontade. Deve, além disso, abranger sem excepção todos os pecados duma vida culpada — pelo menos todos os pecados mortais — com a firme resolução de nunca mais ofender a Deus Nosso Senhor.

Ora nada disto ultrapassa as forças médias das pobres almas, por mais pobres que sejam, ajudadas pelo socorro divino, socorro que Nosso Senhor jamais negará à sua boa vontade.

Quanto à *intensidade* do acto, não vamos também imaginar que se exigem heroísmos.

A contrição perfeita admite graus de intensidade. Prouvera a Deus que sempre ela nos partisse o coração! Mas para que produza o seu maravilhoso efeito, que é o de arrancar a alma ao pecado e restituir-lhe a vida divina, é preciso e basta que o pecador conciba uma verdadeira pena, uma verdadeira contrição, acto de vontade firme e sincera; e que esteja igualmente decidido a romper com as pessoas ou coisas que são para ele ocasião de pecado, e a usar os meios eficazes para fortalecer uma vontade fraca no cumprimento dos deveres.

Quem não pode fazer isto? E quantos pecadores não sairiam da sua má vida, com nova coragem e redobrada confiança, alijando o fardo que os esmaga e pode levá-los à condenação na hora em que menos pensam, se conhecessem a eficácia, e ousáramos dizer, a facilidade desta contrição perfeita, chamada muito bem «*chave de ouro do Paraíso*», e que deve, no pensamento de Nossa Senhora, prepará-los para a «*mudança de vida*».

É que não basta marcar pelo arrependimento o primeiro passo do regresso; é preciso avançar, progredir; é preciso subir no amor: *Eu vim, disse Jesus, para que tenham vida e a tenham em abundância.*

O ideal para um cristão não pode ser passar dez ou onze meses no pecado, entre duas confissões anuais — que supomos bem feitas — e depois sair deste lamentável estado, praza a Deus que o consiga! uma hora antes de morrer.

O estado normal do cristão deve ser o estado de graça, na permanente amizade de Deus, na sua intimidade. Aquelas almas que o hábito do pecado leva à queda, devem pois, e quanto antes, sacudir as peias com que a paixão as amordaça, para solidamente se fixarem na virtude. Maria, que veio do Céu para fechar o Inferno aos pecadores, não encontrou outro meio diferente, para nos propor.

E se Ela continua a espalhar pelo mundo os benefícios duma Mensagem salvadora, é para insistir sempre nas mesmas lições.

Escrevia a Irmã Lúcia, em 20 de Abril de 1943, em carta largamente divulgada mas talvez não tanto como seria preciso: *O bom Deus vai-se deixando aplacar, mas queixa-se amarga e dolorosamente do número limitadíssimo de almas em graça dispostas a renunciar no que delas exige a observância da sua Lei. Esta é agora a penitência que o bom Deus pede: o sacrifício que cada pessoa tem que se impor a si mesma para levar uma vida de justiça na observância da sua Lei...*

O Evangelho! sempre o Evangelho!

FR. ESTANISLAU, O. F. M. CAP.

Já conheces a Mensagem da Fátima?

Condensado de uma circular do P.^o José Herkner, Pároco de Klingenbrunn, na Baviera (Alemanha)

No Ano Mariano, na Floresta Negra, Baviera, em frente à «cortina de ferro», inaugurou-se a primeira capela daquela região dedicada a Nossa Senhora da Fátima. Desde então, nos meses de Maio a Outubro, sobretudo nos dias 13, acorrem ali muitos peregrinos. Nalguns desses «dias de Fátima» se reúnem 10.000 peregrinos — e mais. Nos 4 confessionários da capela sucedem-se os penitentes desde a aurora até à meia-noite.

Dali irradia a Mensagem da Fátima, de que já os povos têm fome. Olhando aqueles milhares e dezenas de milhar de criaturas cantando e rezando, recordamos o quadro do Novo Testamento em que as multidões seguiam o Salvador sem se perguntar para onde iam, só cuidando de Lhe ouvir a palavra. Assim, para toda a parte, seguem hoje Nossa Senhora da Fátima.

Aqui têm conhecido a Mensagem da Fátima Padres e Bispos, não só da Alemanha, mas da Áustria, Suíça, Bélgica, Canadá, China e Índia.

Recordemos, de relance, naturalmente, estes 6 memoráveis dias do ano de 1956.

Já o primeiro, 13 de Maio, recebeu um grande privilégio: fui autorizado pelo Santo Padre a dar a bênção papal aos peregrinos.

No dia 13 de Junho esteve connosco algumas horas o Bispo D. Inácio König, S. D. S., Prefeito Apostólico de Shaowu, província da China — o primeiro Bispo que vinha a Klingenbrunn num dia 13. Passara muitos meses na prisão simplesmente por ter pregado a Mensagem da Fátima na sua Missão.

O Bispo D. Berthold Bühl, O. F. M., foi hóspede de honra do dia 13 de Julho em Klingenbrunn. Como missionário na Bolívia já ele tinha pregado a Mensagem da Fátima ao povo do seu Vicariato, incrustado nas cordilheiras sul-americanas. Ali tinha passado Nossa Senhora da Fátima Peregrina, na sua rota mundial.

Em 13 de Agosto foi o P.^o André Fuhs, que veio presidir às cerimónias de Klingenbrunn. Vivendo só para a difusão da Mensagem da Fátima, o P.^o Fuhs não acha, para esse fim, caminho longo, fadiga grande, sacrifício pesado de mais.

Apesar da sua avançada idade, empreen-

deu no dia 10 de Setembro a grande viagem da Suíça à Floresta Bávara o Bispo militar (patente de General) Dr. Stephan Hasz, Bispo Titular de Sura, com o fim de, pelo menos uma vez, estar em Klingenbrunn num dia 13. Ali celebrou a Missa dos Doentes e lhes deu a bênção. O sermão ao ar livre foi, no entanto, confiado ao P.^o Cisterciense Norberto Vodenka.

Tão privilegiado como o primeiro — ou mais ainda — foi o último «Dia de Fátima» de 1956. Além do Bispo missionário D. Edgar Häring, O. F. M., vieram a Klingenbrunn para 13 de Outubro, o Abade Beneditino Willibald Margraf, de Schweikeberg, e o Abade Trapista Dr. Benno Stumpf, de Engelszell, na Baixa Áustria.

Quanto ao nosso Santuário é já conhecido prova-o, entre outros factos, a peregrinação nesse mesmo dia, de um Padre goês, Francisco Colaço, de Goa, vindo de Roma, da Universidade Gregoriana.

Antes da procissão das velas o Padre Colaço, em puro alemão, leu mensagens de saudação do Venerando Bispo de Leiria, do Bispo König, do Bispo Bühl, do Bispo Hasz, e do Bispo Missionário Hippl, na África do Sul. A saudação do Nuncio Apostólico Arcebispo Dr. Aloysius Münch, a esse tempo em Fargo, U. S. A., chegou demasiado tarde.

A última pregação do dia 13 de Outubro, junto da capela, foi do Padre Ludwig Maria Heitfeld S. D. S.. Seria a sua última pregação na Europa antes de partir para a África.

Depois da procissão das velas celebrou o Abade trapista Missa vespertina. Foi a segunda Missa Pontifical do dia.

Ao mesmo tempo a vasta igreja paroquial encontrava-se literalmente cheia de peregrinos, a ponto de o movimento nos confessionários ser difícilíssimo, bem como a comunhão, embora três Padres estivessem somente ocupados em abrir caminho aos comungantes. Muitas vezes na minha vida tenho visto igrejas cheias, mas nunca assim!

Quando a Mensagem da Fátima cai em chão fértil, desenvolve-se e frutifica maravilhosamente. Aí haverá oração, penitência, reparação, vida repleta de Deus!

A MENSAGEM DE MARIA NA FÁTIMA E A LIÇÃO DOS VIDENTES

A mensagem de Maria na Fátima era, antes de tudo, um convite à conversão dos indivíduos. As suas últimas palavras, na aparição de 13 de Outubro de 1917, eram-lhe inspiradas pela recordação da morte sangrenta do seu Filho crucificado, no Calvário, pelos pecados dos homens: «*É necessário que os homens se corrijam, que peçam perdão dos seus pecados. Que não ofendam mais Nosso Senhor, já tão ofendido!*» Este derradeiro pedido completava a recomendação da primeira aparição às crianças, transformando-a em mensagem universal.

Tão novos como eram, os três pequeninos videntes entraram, logo e todos, no caminho que Maria lhes tinha indicado: oração e penitência. Puseram-se a recitar o terço com toda a sua alma, assim como as fórmulas cujo texto lhes havia ensinado a sua Celeste Guia. Aprenderam a impor-se os sacrifícios que a idade lhes permitia conceber, principalmente mortificações na comida. E era tal a sua boa vontade que, a partir de 13 de Agosto, atingiram o heroísmo dos santos mais santos: preferiam aceitar alegremente a morte, a revelar o que a Virgem lhes confiara como segredo.

Que magnífico exemplo, caríssimos Irmãos! E como se compreende que ele tenha assombrado os que dele foram testemunhas! Depressa foram levados da terra os dois mais novos mensageiros da Virgem; mas em poucos meses grandes coisas realizaram. A sua aceitação entusiástica do sofrimento e da morte não podia ficar sem recompensa. Foi através deles que Portugal ouviu a mensagem da Virgem e se salvou.

HOMILIA DO SENHOR CARDEAL TISSERANT

mento e da morte não podia ficar sem recompensa. Foi através deles que Portugal ouviu a mensagem da Virgem e se salvou.

Nunca se louvará demasiado a benéfica influência do trabalho da graça executado na Fátima, aonde os peregrinos acorrem com o vivo desejo de progredir na vida espiritual. As confissões e comunhões a que as peregrinações dão ensejo, as pregações e os retiros estão na base da elevação do nível moral do conjunto da sociedade, da multiplicação das iniciativas para o bem que asseguram a salvação nacional.

A transformação de Portugal e a protecção que Maria lhe concedeu durante os anos perigosos da guerra civil espanhola e da segunda guerra mundial, levam-nos a esperar com inteira confiança a conversão da Rússia, contanto que se multipliquem no universo os que rezem para obter esta conversão e queiram sacrificar-se em espírito de reparação e caridade mútuas.

Já vos disse, caríssimos Irmãos, como se organizou a perseguição na União das Repúblicas socialistas soviéticas e como a situação se modificou um pouco, depois de 1942, a favor da Igreja Nacional, sem que tenha havido a menor trégua na furiosa oposição aos católicos, sobretudo àqueles que seguem o rito oriental e se encontram, por isso mesmo, mais perto dos

fiéis da Igreja nacional russa.

Enquanto o governo bolchevista prossegue o seu designio de aniquilar todas as religiões, e as autoridades superiores da Igreja nacional se opõem, mais do que nunca, à Sé de Roma e ao Pontífice Romano, a cada passo achincalhado nas publicações do Estado e do Patriarcado do Moscovo, poder-se-ão descobrir na vida das populações do antigo império dos czares atitudes aptas a favorecer a conversão que desejamos?

FACTORES POSITIVOS À CONVERSÃO DA RÚSSIA

Parece que há hoje um certo número de factores positivos. E, antes de mais nada, ainda que estejam separados da Sé de Roma e privados, por consequência, de certos socorros espirituais que lhes asseguraria a sua união com esta Sé, cujos trinta primeiros titulares ensinaram aos fiéis, pelo martírio, como se impunha distinguir o que se deve a Deus do que se deve às autoridades civis, há sérias razões para pensar que bom número de sacerdotes ordenados na Rússia depois da guerra têm verdadeiro desejo de dar Deus aos seus compatriotas e de dar a sua pátria a Deus. Notou-se que, entre os candidatos ao sacerdotado, imediatamente a seguir ao fim da última guerra, havia uma proporção notável de jovens oficiais que se tinham profundamente impressio-

nado com o valor moral e profissional de soldados que viram no exército, no meio de camaradas ateus, seguindo os princípios da moral cristã.

Sem dúvida, para ser admitido nos seminários dependentes da hierarquia moscovita, é imprescindível a garantia de vários membros do partido comunista, e o programa de estudos, nos seminários, compreende certo número de horas dedicadas ao estudo da filosofia marxista, cujo princípio fundamental é a negação da existência de um mundo espiritual; mas também ali se estudam a Sagrada Escritura e as obras dos Padres da Igreja, muitas das quais, antes da primeira guerra mundial, tinham sido traduzidas em russo. Podemos perguntar a que compreensão do cristianismo chegarão estes futuros padres; mas podemos, entretanto, ajudá-los com as nossas orações, suplicando para eles graças de iluminação, que Deus não recusará a quem se Lhe entregar com confiança.

Também nos autoriza a ver uma circunstância favorável à conversão da Rússia o facto de que o Governo, após vários anos de interrupção, fez reimprimir os clássicos da literatura russa do século dezanove. Não eram católicos e nem sequer todos eram cristãos; mas descreveram a vida de uma população em que era vivo o sentimento religioso a particularmente fervorosa a devoção à Mãe de Deus.

(Continua)